

## FALAR DE GÊNERO É FALAR DE INCLUSÃO NUMA PERSPECTIVA HUMANISTA

Silvana Queiroz do Nascimento <sup>1</sup>

### RESUMO

Este resumo apresentará o desenvolvimento do **projeto Meninas e Meninos Livres por uma cultura de paz** realizado com o ensino fundamental na escola estadual Liceu Nóbrega em Recife- PE. Essa experiência traz a temática de gênero e a sua realidade numa estrutura patriarcal, capitalista, sexista de toda uma diversidade cultural a qual foi formada a sociedade brasileira. O objetivo é que as e os adolescentes se fortaleçam e possam atuar em diversos espaços sobretudo dentro da escola por acreditar onde podemos incidir na formação de cidadãos/ãs se trata de forma igualitária e não reproduzam estereótipos em que se assentam as mais diferentes formas de violências. A abordagem utilizada de aprendizagem significativa é construída com os estudantes proporcionando a maior participação para a criação de um espaço de liberdade e empatia, pois o sistema educacional centraliza o saber nas disciplinas tradicionais e no professor e ainda responsabiliza os mesmos pelo sucesso ou fracasso dos estudantes. Para Paulo Freire a verdadeira educação é aquela à qual proporcionamos autonomia e a auto avaliação junto aos princípios da pedagogia da autonomia e da liberdade junto a abordagem centrada no estudante, por Carl Roger.

**Palavras-chave:** Gênero, Educação, Aprendizagem, ACP e Inclusão.

### INTRODUÇÃO

O projeto foi realizado em Recife, o centro social fica localizado dentro de uma escola pública de ensino fundamental e médio, o Liceu Nóbrega; este como parceiro da Fundação Fé e Alegria no desenvolvimento do projeto. Na convergência do plano político pedagógico do Liceu, a questão do bullying aparece descrita da seguinte forma: “em relação à atividade normativo-pedagógica em voga, são adotadas medidas escolares destinadas à prevenção, diagnose e combate ao bullying escolar...” E assim o projeto é acolhido como estratégia de dialogar assuntos que provocam bullying como questões de gênero, diversidade sexual, raça entres outros.

Acredita-se que mesmo sendo um projeto piloto com encontros semanais no ensino fundamental algo se transforma, pois a participação ativa acontece oportunizando debates e diálogo que estão no dia a dia e muitas vezes dentro de casa. Foi

---

<sup>1</sup> Graduada do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco- PE, Pós Graduada em Psicologia Humanista em Abordagem Centrada na Pessoa- FAFIRE, saralinsocial@gmail.com

proporcionado reflexões ricas sobre como homens e mulheres se relacionam, sobre as relações de poder existentes na sociedade que mata todos os dias e a escola como espaço de aprendizagem e de soma na vida dos estudantes não poderia ficar de fora.

O Brasil é um dos países mais perigosos do mundo para ser mulher, sendo o 5º país em mortes violentas de mulheres no mundo, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH). Esse dado revela que as desigualdades e assimetrias de poder referentes ao gênero são estruturais no Brasil, legitimadas por uma cultura machista e patriarcal em diversas instituições: familiares, políticas, governamentais e empresariais. Apesar de a Constituição Federal de 1988 estabelecer a igualdade entre homens e mulheres como um direito fundamental e dos recentes avanços para coibir a violência de gênero, como a Lei Maria da Penha, essa agenda retrocedeu na recente crise política e econômica. Acreditamos que uma educação facilitada para a reflexão dessas problemáticas pode levar meninas e meninos a viverem livres de violência e independentes para realizarem as suas escolhas de vida e realizações de sonhos. Assim, a luta por equidade de gênero é urgente e diz respeito à garantia mais básica de todo o ser humano: o direito à vida.

A escolha de trabalhar com os/as adolescentes se deve à constatação de que é na adolescência que as diferenças de gênero começam a se reverberar, justamente por representar uma fase de transição entre a infância e a vida adulta. Também é nessa fase que os meninos ficam mais suscetíveis aos comportamentos agressivos e, as meninas, aos riscos como gravidez na adolescência e violência sexual. Trata-se, portanto, de uma etapa da vida crucial para desconstruir os comportamentos estereotipados de gênero que muitas vezes limitam as trajetórias de adolescentes, especialmente das meninas.

Também entende-se que as ações e intervenções do projeto em torno da visibilidade da iniquidade de gênero nas relações é o melhor caminho para trabalhar as questões de violência no âmbito familiar e escolar.

## **METODOLOGIA**

As estratégias escolhidas visam enfrentar, justamente, o principal problema que afeta as adolescentes da escola: a ausência de oportunidades educacionais e profissionais em função de crenças e estereótipos sobre o papel subalterno da mulher na sociedade. A

partir da reflexão sobre o que são capazes de fazer e dos caminhos que desejam escolher para si, meninas podem construir suas narrativas.

E foi pensando nessa oportunidade que o projeto meninas e meninos livres por uma cultura de paz vem sendo desenvolvido como grupos de encontros e não como aulas formais da educação tradicional, mas com verdadeiros encontros que possibilitaram a livre e respeitosa opinião dos estudantes nas temáticas apresentadas. Nada está errado, tudo faz parte da construção e transformação para a verdadeira aprendizagem que inicia de dentro para fora. A escola sendo esse espaço de integração, de acolhimento, de diversidade, precisa ser um lugar bom para estar e criar relações afetivas entre eles e elas, entre os professores e gestão escolar. Sem essa relação nada é possível construir com inclusão a liberdade de ser e aprender.

Os encontros sobre temáticas do projeto meninas e meninos livres, aconteceram semanalmente com 6º, 7º, 8º e 9º, no período de março a junho, com muita liberdade de expressão participação ativa e respeito ao outro porque foi permitida a liberdade de falar, a autenticidade. Em 14 encontros as temáticas proporcionaram reflexões acerca de frases e ditados populares construídos culturalmente; imagens e frases das relações sociais e a analisar criticamente e compreender como as desigualdades se estabelecem e como podemos superá-las; os primeiros diálogos sobre Gênero e Sexo e suas construções na sociedade; ciclos de Vida e as dificuldades existentes de libertação da Herança cultural do papel do homem e Mulher na sociedade; Diálogos sobre os contos de fada antigos do amor romântico e submisso e dos contos de fada novos com as novas configurações de Amor; temática de Mercado de trabalho entre homens e mulheres – Divisão Sexual de trabalho e análise crítica da Economia Classista

Além da relação afetiva entre professor e estudante que começa quando há disponibilidade, sobretudo quando as temáticas polêmicas e de muita resistência, pois a palavra gênero causa repulsa para famílias religiosas e intriga outras famílias por desconhecer como será pautada as discursões. A mulher se torna visível nos momentos porque sempre tiveram na contrução da sociedade entretanto sua participação foi ofuscada,mas que está em todo lugar. Existe a emergência de falar sobre gênero como inclusão. Judite Butley:

O uso do “Gênero” põe ênfase sobre todo um sistema de relações que podem incluir o sexo, mas ele não é diretamente determinado pelo sexo, nem detremina diretamente a sexualidade... Gênero é um elemento constitutivo de

relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é o primeiro modo de dar significado as relações de poder.

Os autênticos diálogos incessantes, socialização de exemplos diários de bullying, violências e opressões, com música, um poema, um vídeo, imagens e reflexões. E a cada encontro se pedia uma temática garantindo sempre uma avaliação de como se sentiram debatendo os temas, todos foram escutados com compreensão, respeitando suas experiências de vida e acreditando sobretudo que os estudante estão sempre em construção, que não são estáticos, mas sim seres atualizantes. ROGERS (1997, pág. 59)

Se eu aceito a outra pessoa como alguma coisa fixada, já diagnosticado e classificado, já cristalizado pelo seu passado, estou assim a contribuir para confirmar essa hipótese limitativa, se eu aceito num processo de transformação, nesse caso o que faço e confirmar ou tornar real as suas potencialidades.

Paulo Freire acreditava que a educação não poderia ser neutra, mas sim uma ferramenta de “prática pela liberdade” em que as pessoas, sendo educadas de forma crítica, poderiam transformar a sua realidade e participar da construção do mundo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A construção dos gêneros trouxe grandes impactos nas relações humanas determinando uma segmentação entre homens e mulheres, escrevendo valores para o homens e desfavorecendo as mulheres colocando como plano b ou ainda, esquecendo que as mulheres foram tão precursoras na construção da sociedade, limitando, assim, a capacidade de aprendizado e crescimento. Em todos os âmbitos da sociedade as mulheres com todo o seu potencial são ofuscadas pelas violências que matam sua dignidade, sua força, seus sonhos e é por isso que precisamos no processo educativo encontrar espaços seja possível mais meninas e meninos construindo um novo jeito de viver e como meninas e meninos possam somar para que os índices de violência nas escolas diminuam; que meninas e mulheres sejam atuantes nos diversos espaços em que elas transitam; que meninas e homens se engajem na luta pela equidade de gênero e que também possam viver livres do machismo.

A educação tradicional transborda na limitação do não oportunizar espaços como esses por medo que libertemos os estudantes para pensamentos livres e construções da pedagogia da liberdade e eles realmente se tornarem eles sem controle social.

Nenhuma escola deve ser coercitiva ou ainda enquadrar num único modelo o estudante, mas deixá-lo livre para pensar, criar, fazer e sentir seu próprio crescimento. Como pode existir uma relação libertadora de sua própria identidade quando existe resistências em temáticas consideradas polêmicas ou fundamentalistas? Sair da canonização da escola tradicional é preciso.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A instituição escola é uma grande contribuinte na vida da população o que justifica a pertinência de uma intervenção nesse espaço. Assim, sensibilizar e mobilizar professores/as, diretores/as e estudantes para lutar pela equidade de gênero irá, certamente, reverberar de forma positiva numa futura geração. E a abordagem utilizada nos encontros é humanizadora centrada no estudantes pois possibilita eles serem importantes, por acreditar no organizamos vivo e dotado de potencialidade que é o ser humano. Paulo Freire (2019, pág. 58),

O Respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros... O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor ironiza o aluno, que o minimiza.

O estudante deixa de ser meramente ouvinte passivo de aulas para ser elevado à condição de principal sujeito, confiante, protagonista, com iniciativa própria, crítico, reflexivo e pesquisador. A pedagogia do amor da humildade e afeto se faz presente. Para ser um educador ou ainda um facilitador de processos basta ser gente, não são os certificados que vão dizer isso de vc. Se você estar disposto a aprender é nesse momento que acontece o aprender. Para Rogers e Gil “A facilitação de aprendizagem significativa repousa em certas qualidades de atitude que existem no relacionamento pessoal entre o professor e o estudante.” Um dos aspectos essenciais para Rogers constitui-se na autenticidade ao realizar sua atividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar de Gênero é Falar de inclusão vem sendo cada vez mais necessário ser dialogado e debatido nas escolas. A escola não pode ser vista como algo separada da vida e nem pode mais ser a que tira a liberdade de expressão e seu processo de tornar pessoas,

pois os melhores resultados advêm de uma natureza mais fluída e da confiança que estabelecemos. ROGERS (2001) traz uma importante reflexão “No sistema educacional não há lugar para a pessoa como um todo. Somente para o intelecto”. Ou seja, é preciso a quebra de paradigmas e ver o aluno como um ser para além do cognitivo, mas em sua completude. Para a educação inclusiva e garantia de direito, as escolas devem se adaptar às necessidades diversas dos estudantes, confiar na sua capacidade atualizante para que todos possam aprender juntos. Afinal, quando a escola entende que as diferenças não devem ser um problema, mas quando a diferença é estigmatizada como algo negativo anula todas possibilidades de chegar ao outro e, por conseguinte, qualquer relação de confiança.

Não há mais espaço para essa relação de um só jeito de ser, mas de vários jeitos de ser quando se é autêntico. E essa mudança promoverá um clima de confiança nas relações de professores e alunos, na confiança de que o outro vai achar o que desperta sentido, o que melhor conduza para seu crescimento pessoal e que essa inovação não seja de exclusão pelos saberes diversos, mas de um sistema orgânico que se autodirige em toda a sua complexidade.

A escola como o melhor lugar do mundo precisa ser humanizadora sem medo de liberdade é onde os estudantes possam encontrar-se e de reencontrar quantas vezes forem necessárias igual as batatas do porão de Carl Roger, que foram colocadas no porão no período de inverno, entretanto esse porão não tinha as condições facilitadoras para que as batatas crescessem robustas e cheias de vida. As batatas naquele ambiente com apenas uma janelinha alta e com pouco de luz, as batatas começaram a ter brotinhos pálidos com muita vontade de viver e crescer mesmo que não fossem as batatas mais esperadas do mundo. Mas eram as batatas que elas queriam ser dentro das possibilidades que tinha. O mais importante é que elas cresceram em direção a aquela janela com uma pequena freixa de luz. Ou seja, assim como deve ser os estudantes, as batatas tomaram para si a responsabilidade de seu crescimento, no seu tempo e em sua direção.

Quando confiamos na potencialidade do outro ele se torna livre e o verdadeiro professor ou facilitador é aquele compreende que não existirá mais opressor e nem oprimido, mas sim estudantes protagonistas com a capacidade de se autogerir, aceita quem é, abandona as falsas defesas, se torna autoconfiante e responsáveis. Para ROGERS (1997) “Os seres humanos têm natural potencialidade de aprender. São curiosos a respeito do mundo em que vivem, até que, e a menos que, tal curiosidade seja entorpecida por nosso sistema educacional”. Tratar dessas temáticas é oferecer outras perspectivas e transformações na educação. Afinal de contas a educação é para quem?

## REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2019
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2011
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2015
- Schwebel, Milton. **Educação para quem?** São Paulo: Ed. Cultrix, 1972. .
- JUSTO, HENRIQUE. **Teoria da Personalidade – Aprendizagem Centrada no Aluno**. São Paulo. Cutrix, 1976.
- LAVAL, CHRISTIAN: **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. 1ed. – São Paulo: Boitempo, 2019.
- ROGERS, CARL R. **Liberdade para Aprender**. 4 ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1997.
- ROGERS, CARL R.. **Tornar-se pessoa**. 5s ed. São Paulo: Martins Fontes, 1961.
- ROGERS, CARL R.. **Sobre o poder Pessoal**. São Paulo. Martins Fontes, 2001.
- ALTMANN, H. **Gênero, sexo e sexualidade: interfaces com o corpo**. In: Estudos Feministas. nº 1, p.114-124, 1º semestre, 1998.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980
- BIROLI, Flavia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018
- ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jaqueline. **O que é o feminismo?**. São Paulo: Ed. Abril Cultural/Brasiliense, 1985
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2003
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003
- JEFFREYS, M.V.C. **A educação: sua natureza e seu propósito**. São Paulo: Ed. Cutrix, 1975.



TOLEDO, Cecília. **Gênero e Classe**. São Paulo: EdSundermann, 2017